

TAMIRIS THIEMY KINA

**ASPECTOS QUE INFLUENCIAM A RELAÇÃO PROFESSOR-
ALUNO.**



ARARAQUARA – S.P.
2010

TAMIRIS THIEMY KINA

ASPECTOS QUE INFLUENCIAM A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Departamento de Didática da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Edson do Carmo Inforsato

ARARAQUARA – S.P.
2010

Kina, Tamiris Thiemy

Aspectos que influenciam a relação professor-aluno / Tamiris
Thiemy Kina – 2010

53 f. ; 30 cm

Monografia de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

ORIENTADOR: EDSON DO CARMO INFORSATO

1. Professor. 2. Relação. 3. Atitude. 4. Reflexão. I. Título.

Dedico esta monografia aos meus pais e minhas irmãs que não mediram esforços para a realização de meus projetos e sonhos foram eles que me ensinaram a ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Denilce e Antônio, que sempre me amaram incondicionalmente e me apoiaram em tudo.

Às minhas irmãs, Thaís e Júlia, que me ajudaram e estiveram ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu professor orientador Tamoio, pela orientação e dedicação que tornaram possível a realização deste trabalho.

Às minhas filhas Suki e Lulu pela alegria e diversão.

Ao Mateus, pela paciência e apoio, por todos os momentos amáveis, tornando esta caminhada de quatro anos melhor.

RESUMO

A relação professor-aluno é largamente estudada por muitos profissionais que estão ligados à área da Educação, sempre a procura de refletir sobre a realidade, em busca de tornar o processo de ensino-aprendizagem cada vez melhor. O embasamento teórico utilizado para a realização das análises deu-se por meio de dois textos: *A Sala de Aula Eficiente*, de Gerard Dixie e *A relação professor-aluno, o que é, como se faz*, de Pedro Morales, dois autores que vêem a relação professor-aluno sob óticas diferentes. O objetivo desta pesquisa é identificar, por meio de leituras, análises e observações de aulas, alguns dos aspectos que influenciam a relação professor-aluno, como essa relação deve se estabelecer de forma que ela seja saudável e incida positivamente no aprendizado do aluno e na satisfação pessoal e profissional do professor. A metodologia utilizada para a realização da monografia foi a leitura e análise de textos teóricos e a observação direta de aulas, ministradas por professores em situações regulares de aulas. A partir de estudos e observações de aulas constatou-se que as atitudes e as ações do professor em sala de aula são os principais fatores que interferem na relação professor e aluno. É essencial que o profissional da Educação reflita sobre suas atitudes e como se vê em seu papel docente, para que exerça boas influências sobre seus alunos.

Palavras – chave: Professor. Relação. Atitude. Reflexão.

SUMÁRIO

| | |
|--|-------------|
| INTRODUÇÃO..... | p.6 |
| 2 METODOLOGIA..... | p.7 |
| 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | p.8 |
| 4 PARTE EMPÍRICA..... | p.23 |
| 5 RESULTADOS..... | p.44 |
| 5.1. Identificação dos sujeitos..... | p.46 |
| 5.2 Análise dos resultados obtidos..... | p.46 |
| CONCLUSÃO..... | p.49 |
| REFERÊNCIAS..... | p.50 |

INTRODUÇÃO

As instituições educacionais representam um dos pilares da sociedade em que vivemos e assim, desenvolvem papel essencial na vida de todos os sujeitos. Os professores, como aqueles que mais estão envolvidos no processo educacional, possuem papel muito importante na formação de seus alunos.

Desta forma, é extremamente significativa que docentes influenciem positivamente os indivíduos, para que eles possam desenvolver potencialmente suas qualidades individuais e assim, se tornarem pessoas mais conscientes, seguras, felizes, esclarecidas e capazes de refletir por si só, contribuindo para uma sociedade mais desenvolvida.

Para tanto, este estudo da relação professor-aluno na sala de aula mostra-se relevante, pois é preciso pensar nos aspectos que influenciam esta relação e refletir, para que professores influam positivamente sobre seus alunos, de modo que todo o potencial de cada aluno seja desenvolvido e que seu aprendizado seja cada vez melhor.

A parte empírica desta monografia, realizada por meio de sessões de observações, procura identificar como professores, por vezes até de forma não-intencional, influenciam seus alunos de forma positiva ou mesmo colocam entraves no desenvolvimento do potencial deste indivíduo.

Sob esse ponto de vista, o presente trabalho procura unir reflexões acerca da relação entre professores e alunos, como professores podem influenciar seus alunos e como essa relação pode ocorrer de uma forma mais harmoniosa e tranqüila possível.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho de monografia, foram feitas leituras e análises de textos teóricos que se estruturam fundamentalmente em reflexões acerca da relação entre professores e alunos.

Aliado à parte de fundamentação teórica, foram feitas dez sessões de observação direta de aulas de cinco professores diferentes, completando o total de duas sessões de observação ou quatro horas de observação por professor. As aulas observadas foram realizadas em três escolas particulares de idiomas da mesma rede de franquias da cidade de Araraquara, nas quais as aulas foram ministradas por professores em situações regulares de sala de aula.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Gerard Dixie (2006), em seu livro “A sala de aula eficiente”, propõe estratégias para professores que queiram uma sala de aula mais organizada, disciplinada e eficiente. O autor relaciona enquetes, pesquisas e entrevistas com alunos das quais consegue retirar conclusões sobre como o professor deve ministrar suas aulas, a fim de que elas sejam mais proveitosas e suas aulas possuam certa organicidade de forma que haja baixa probabilidade de ocorrência de indisciplina.

À respeito da importância do contato inicial do professor com o aluno, DIXIE (2006) afirma que o professor deve planejar seu contato com a sala bem como, logo que possível, estabelecer regras com suas classes nas fases iniciais. Uma enquete feita pelo autor aponta que os alunos levam de três a dez minutos para tirar conclusões firmes sobre seus novos professores, e a maioria deles não está disposto a renegociar tais impressões.

A pesquisa deixa claro que, para o início de uma boa relação do professor com os alunos, o docente deve se preocupar com o primeiro contato, pois ele tem que causar boa impressão. O professor pode falar sobre a parceria que existe entre ele e o aluno no processo de ensino e aprendizagem, sobre noções de responsabilidades e direitos de ambas as partes.

O contato visual, os gestos e a voz também são apresentados como fatores a serem cuidados pelo professor quando entra na sala de aula. O contato visual deve ter o objetivo de envolver os alunos, ele deve ser relaxado e interessado. Os gestos manuais podem transmitir simpatia e sugerir aproximação quando se sorri ou está de braços abertos. A voz ideal tem tom modulado e confiante, o grito deve ser evitado, pois indica falta de controle da situação, por outro lado, a voz baixa também não é aconselhada, pois há o risco de ninguém prestar atenção.

O autor afirma que uma das maneiras de envolver os alunos na aula é fazer perguntas, uma vez que pode envolver maior ou máximo número de alunos em discussões. Para os alunos que “participam demais” ele alerta e orienta para uma conversa em particular. O professor deve pedir ao aluno que deixe os outros alunos tentarem também. Para os alunos que acham difícil colocar suas idéias em sala, é sugerido que para que tal situação seja amenizada, o professor precisa ajudar com a implantação de um clima mais amistoso e menos ameaçador nas discussões em sala.

Algumas estratégias são oferecidas pelo livro para que mais alunos participem mais, como conversar sobre a importância da participação verbal nas aulas, pois envolve o aluno no processo

de aprendizagem, falar para a turma o que o professor espera que cada aluno responda a pelo menos uma pergunta.

DIXIE (2006) cita ZIMPHER e HOWEY (1987) para colocar uma estratégia a mais que pode ser adotada pelo professor: esperar mais dois ou três segundos extras antes de passar para a próxima pergunta. Desta forma, segundo os autores, os alunos respondem mais, fazem mais perguntas, participam mais, há menor número de alunos que não respondem e os alunos falam mais uns com os outros sobre seus trabalhos.

Em seu texto, DIXIE (2006) sugere ao professor que ele esteja sempre “um passo à frente”. Ele aborda questões de pontualidade do docente, a importância de se conhecer o aluno pelo nome e a estrutura das aulas.

Chegar na hora, estar pronto para receber os alunos seria de fato um fator importante a ser considerado. O professor precisa chegar antes, preparar-se para a aula a ser dada. Caso não seja possível chegar no horário, o autor sugere que o professor peça desculpas e explique a razão do atraso. Assim como os alunos não devem chegar atrasados, o professor precisa ser pontual.

Conhecer os alunos por nome é uma das maneiras de criar um laço, um “contrato informal” para o escritor. É claro que um bom senso de humor sempre ajuda para manter um bom relacionamento com os estudantes. Ele acrescenta que utilizar elogios de maneira correta pode aumentar a motivação dos alunos e procurar falar a razão pela qual o aluno está sendo elogiado naquele momento.

A estrutura das aulas, de acordo com o autor, deve ser pensada e elaborada pelo professor de antemão, para melhor planejamento e desenvolvimento das aulas. Ele alerta que uma pequena dose de tensão ajuda os alunos ficarem em alerta para a aprendizagem, que o professor deve empregar “visão periférica” e manter os alunos sempre envolvidos no que estão fazendo.

O contato inicial citado pelo autor é, realmente, algo que pode ser planejado pelo professor, como ele vai se apresentar aos novos alunos, talvez uma conversa entre ele e os alunos sobre a responsabilidade que cada um possui na sala, e também uma atividade de descontração poderia ser bom. A idéia é que os alunos percebam que a sala pode ser um ambiente agradável para o aprendizado, que eles podem confiar no seu tutor.

Evitar gritos, sem dúvida, ajuda a manter um bom relacionamento, os problemas e confusões podem ser resolvidos com o tom de voz usual do professor, com uma dose de bom

senso e sensibilidade. Quando o professor resolve bem os problemas da sala, é também uma forma de ensinar respeito aos seus alunos.

Em discussões em sala, é comum que alguns alunos participem mais do que outros. Pedir para que tais alunos “dêem chance” a outros falarem pode ser uma saída delicada, pois pode inibir os alunos de voltarem a participar. Alunos que participam bastante significa, com frequência, que estão envolvidos com o assunto e que gostam das aulas. Conversar com os alunos e explicar a importância de participar e expor opiniões em sala pode ajudar aqueles que não costumam se pronunciar ou os mais tímidos. Assim, todos os alunos saberão que suas opiniões são relevantes para a sala e que podem contribuir para todos.

O professor deve esforçar-se para conhecer os alunos mais e melhor, sempre procurando melhorar seu relacionamento. Saber os nomes dos alunos, planejar suas aulas, respeitar, tomar decisões que resolvam os problemas e tratar o outro como gostaria de ser tratado contribuem para um clima mais amistoso em sala. O professor começa a ser entendido como aquele que quer ajudar. Um clima de tensão nem sempre é a melhor solução para o aprendizado.

MORALES (1999), autor da obra “A relação professor-aluno, o que é, como se faz”, é adepto de uma perspectiva diferente daquela que se pode encontrar no livro de Gerard Dixie (2006). Ele prefere pensar na sala de aula como um “lugar de relação”, onde o professor se relaciona com os alunos.

O autor afirma que, quando se pensa na classe com um “lugar de relação”, um horizonte de possibilidades se abre, inclusive didáticas. A maneira como a relação professor-aluno estabelece-se deve incidir positivamente no aprendizado dos alunos e, também, na satisfação pessoal e profissional do professor.

De fato, vale o professor considerar todas as possibilidades e (re) pensar na sua relação com seus alunos, para que haja um ambiente melhor em que todos os envolvidos sejam influenciados positivamente, seja profissional ou pessoalmente.

MORALES (1999) discorre sobre a os resultados não-intencionais que pode incidir na relação professor-aluno. Isto é, o professor quer e espera que os alunos aprendam algumas coisas, mas é possível que eles aprendam outras.

Os resultados não-intencionais estão muito conectados com o “estilo de relação” que o docente mantém com seus alunos. Às vezes, pode-se ensinar com as explicações, com o que o professor é, com sua maneira de se relacionar com os alunos.

O que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, *o mais importante e o mais permanente* do processo de ensino-aprendizado, e isso, por sua vez, depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos. (MORALES, 1999, p.16)

O estilo de relação mantida entre professor e alunos pode influenciar no aprendizado, pois o aluno pode aprender muito mais do que o proposto pelo professor, como com seu jeito, suas atitudes e maneiras de lidar com certas situações. Cabe aqui uma reflexão do profissional para que ele cuide mais dos seus atos e atitudes em sala, pensando em uma maneira de proporcionar boas influências sobre os estudantes.

Pedro (1999) traça, em seu livro, um quadro onde se encontram algumas formas em que se dá a relação do professor com os alunos na sala de aula. As primeiras possibilidades são o *ensino intencional e aprendizado intencional*, *ensino intencional e aprendizado não-intencional*, *ensino não-intencional e aprendizado intencional* e *ensino não-intencional e aprendizado não-intencional*.

O *ensino intencional e aprendizado intencional* seria o campo mais normal e onde há os processos habituais de ensino e aprendizagem. “O professor explica o que quer explicar e o aluno aprende porque quer aprender.” São alunos que fazem os deveres, prestam atenção nas aulas e não faltam. É aqui onde se emprega a maior parte do tempo e atenção “conscientes”.

O *ensino intencional e aprendizado não-intencional* é o caso dos alunos que aprendem “apesar de sua falta de motivação e de esforço.” Em geral não se esforçam, não fazem os exercícios e tarefas. Essa seria a área onde o professor tem aqueles problemas diários com os alunos mais levados, menos “capazes” e motivados.

A área do *ensino intencional e aprendizado intencional* seria a região mais confortável para o professor, é o que ele espera que aconteça em uma sala de aula, ele explica e o aluno aprende, não há grandes problemas, porque os alunos são relativamente aplicados. No entanto, quando há o *ensino intencional e aprendizado não-intencional* em que o professor quer ensinar, mas, muitas vezes, o aluno não está interessado, começa a haver certa instabilidade, e o professor pode combater o problema conversando e motivando os alunos a fazerem seus deveres, a se esforçarem mais, talvez com a ajuda da família, todos colaborando para que o aluno comece a se interessar e aprender mais.

O *ensino não-intencional e aprendizado intencional* é o lugar que corresponde ao que Morales fala de “modelos de identificação”, que são assumidos, em maior ou menor grau, pelo

aluno de forma consciente. Professores queridos e aceitos pelos seus alunos podem ensinar mais do que conscientemente gostariam de estar ensinando. Para MORALES, muito do que é importante na vida pode ser aprendido quase inconscientemente, via imitação de modelos, como quando alguma conduta vista em outro é repetida e internalizada. O professor também pode ser considerado como um modelo de identificação: “Aqui é oportuno não esquecer que o professor pode ser um bom modelo de identificação e, como tal, ser mais ou menos assumido pelo aluno; ao menos de maneira parcial.” (MORALES, 1999, p.22)

O autor aponta as duas características necessárias para que um professor seja visto como um modelo de identificação. O professor deve ser um *bom professor*, isto é, dar boas aulas, deve ser competente, saber da matéria; e ser considerado, assim, por seus alunos. Em segundo lugar, ele deve ser *bem aceito*, ou seja, estimado, bem quisto por seus alunos. Tal aceitação de afeto pelos alunos é valiosa, para que mensagens importantes enviadas pelo professor cheguem aos alunos.

O professor, sabendo que pode ser tido por seus alunos como um “modelo de identificação”, deve redobrar sua atenção em relação as suas atitudes e maneiras. O professor pode influenciar seus alunos nas suas escolhas e condutas. Se o professor é transparente, mostra respeito e honestidade, seus alunos virão tais características como qualidades e poderão imitá-lo, para que fiquem mais parecidos com seu mestre. A outra face também é verdadeira, se o professor gosta de gritar e discriminar algumas pessoas, talvez essas atitudes sejam levadas em consideração e internalizadas pelos alunos.

O *ensino não-intencional e aprendizado não-intencional* é a região onde pode-se encontrar mais conflitos. É aqui que os alunos podem aprender atitudes e valores bons e ruins. O aprendizado se dá com o que o professor é, com seu estilo de relacionamento com os alunos, com a maneira com a qual o professor lida com as situações de conflito, etc. Um aprendizado negativo pode ocorrer, por exemplo, quando o aluno aprende “que o esforço não compensa”, “que não vale a pena estudar seriamente”, “que a matéria é inútil”, “que eu não tenho valor”.

Esses “aprendizados afetivos negativos” recaem sobre as atitudes e valores, algo muito importante e que pode ser permanente. “Essas *lições aprendidas* sem intenção podem incidir em atitudes básicas muito negativas para a vida.” (MORALES, 1999, p.25)

Para MORALES (1999), o professor pode promover tais aprendizados de diversas maneiras, verbais e não-verbais, e pelas ações, pelo o que se faz ou pelo o que se deixa de fazer.

Além disso, os métodos utilizados em sala, as práticas e os exercícios podem influenciar no aprendizado dos conteúdos dos alunos e em sua atitude ao estudo.

Assim como o professor deve redobrar sua atenção, pois pode ser um modelo de identificação, na área do *ensino não-intencional e aprendizado não-intencional* acontece o mesmo, pois o mestre pode ensinar sem querer e o aluno aprender também sem querer. Tal situação pode ser um tanto delicada, pois o aprendizado pode ser negativo para o aluno, ele pode aprender não só valores ruins, como também que ele não tem valor. O professor precisa estar consciente destas questões, para que consiga refletir e reforçar melhor sua atuação em sala.

O autor coloca ainda mais algumas possibilidades de ensino, o *aprendizado intencional sem professor formal*, que se dá quando se aprende porque se quer aprender, o aluno pode aprender algo que lhe interesse sem a ajuda do professor, sozinho. Uma possibilidade freqüente: “Na vida aprendem-se muitas coisas porque se quer aprender, sem necessidade de educação formal.” (MORALES, 1999, p.27) E o *aprendizado sem intenção de aprender e sem professor* que acontece quando se aprende algo sem querer aprender, e sem que haja alguém ensinando, como costuma acontecer com decepções e surpresas, enfim, com experiência de vida.

O professor pode influir nos alunos, mas também pode acontecer de os alunos influírem no professor. MORALES fala da idéia-chave da influência professor-aluno-professor: o que importa é o que o aluno consegue *perceber* e a imagem que ele forma do professor.

As condutas do professor influem sobre a percepção dos alunos, mas apenas isto não basta. O professor tem também que comunicar seu interesse, por exemplo, aos alunos. É esta comunicação que afeta a percepção que os alunos têm do professor e, assim, influencia em sua dedicação às tarefas escolares.

A conduta do professor influi sobre a percepção, e assim alterando a motivação e a dedicação dos alunos. “O aluno se vê influenciado por sua percepção do professor, como o vê e como vê sua relação com ele, e pelo o que o professor *de fato faz*: comunica expectativas, responde adequadamente, proporciona ajuda *estratégica*, etc.” (MORALES, 1999, p.61)

Pesquisas realizadas apontam para o fato de que, freqüentemente, alunos que são menos motivados, menos comprometidos, menos ativos recebem de seus professores comentários que os desmotivam mais. Há alunos comuns que passam “desapercebidos” e que poderiam dar muito mais de si se percebessem que o professor os considera “pessoas importantes e valiosas”. O contrário também acontece.

Os alunos podem e devem ser influenciados positivamente por seus professores. O professor deve se centrar em suas atitudes para a percepção dos alunos e, aliado a isto, manter seu canal de comunicação aberto, como dizer aos alunos o que espera deles, falar sobre suas intenções. Se alunos que são notados e que recebem comentários motivadores de seu professor começam a se valorizar mais e se empenhar mais, então não há razão para que o professor não invista nessa estratégia. O profissional não pode se deixar levar pelo “impulso” e desmotivar ainda mais alunos menos ativos em sala.

A dedicação do aluno também influi sobre a conduta do professor, sobre a sua dedicação e na forma como ele trata os alunos. Os professores tendem a privilegiar alunos que desde o início mostram mais interesse e se mostram mais ativos.

O contrário também acontece. Alunos que se mostram mais passivos fazem com que o professor os considere incompetentes ou não se sinta do agrado dos alunos e assim o professor passa a lhes dedicar menos tempo. Morales sugere que caso isso aconteça, o professor deve controlar seus sentimentos e não responder ao desinteresse dos alunos com o seu próprio desinteresse.

Desta forma, o círculo se fecha, as condutas dos professores, maneira como são percebidas têm repercussão sobre a dedicação e o esforço dos alunos, que, em consequência, as reações dos alunos influem sobre a conduta do professor. O autor chama a atenção para o fato de os alunos poderem não estar educando bem o professor, e, assim, criando uma influência mútua e negativa entre professor e alunos. Neste círculo vicioso, o professor é quem tem a responsabilidade de quebrá-lo, pois o professor é superior ao aluno no que tange à idade, conhecimento e governo.

O professor, diante de uma situação como essa, não pode deixar que a situação avance. Pode parecer difícil no começo, mas o professor pode fazer um exercício: tentar sempre motivar a todos, mesmo que sinta que alguns alunos não são “de seu agrado”. É neste momento que ele deve retribuir a motivação de forma igual, sem privilégios. Assim ele tem a oportunidade de dar a todos os alunos uma chance para sentirem que têm seu próprio valor, dedicando-se e esforçando-se mais nos estudos.

O autor, em seu texto, entra na questão do bom professor, que, de acordo com estudos feitos, indicam que há traços e condutas desejáveis e que há várias formas de ser um bom professor, de manter um bom relacionamento com seus alunos, e de influenciá-los positivamente.

Estudos feitos sobre o professor ideal separam as opiniões dos alunos entrevistados em dois grupos de condutas: aqueles que citaram a competência do professor (para ensinar, controlar a sala, e outros), e aqueles que se referiram ao relacionamento do professor com os alunos. Concluiu-se que a imagem do bom professor varia de acordo com a idade e as circunstâncias de vida dos alunos, e que bons professores são diferentes entre si.

A imagem do bom professor pode ter suas variações de acordo com a idade dos alunos, do que eles priorizam naquele dado momento. No entanto, o autor coloca que mais importante do que os traços de personalidade são as atitudes do professor e como ele concebe seu *papel*. Ele explica que o que importa afinal é o que fazemos e nem tanto o que somos, pois, neste sentido, pode haver reflexão e a mudança em relação aos nossos atos.

MORALES (1999) faz algumas considerações sobre aquilo que o professor deve refletir. Ele deve ter em mente que os alunos precisam do apoio e ajuda do professor, mesmo que sejam “bons alunos”; eles precisam ganhar confiança em si mesmos; o profissional transmite mais do que ensina e esse resultado não-intencional pode ser o mais duradouro e importante; o professor influencia os alunos, feliz ou infelizmente; o professor pode transmitir mensagens importantes; ele consegue controlar sua conduta, e portanto, é possível repensar nas suas ações; e enfim, ele deve refletir onde estão as ênfases e prioridades do professor.

De fato, as pesquisas mostram que o “professor ideal” varia conforme a idade e necessidades dos alunos desta faixa etária. No entanto, há de se perceber que o professor que só pende para o lado emocional, os relacionamentos, e que não tem profissionalismo, que não ensina, que não dá boas aulas, dificilmente será considerado um bom professor, pelo menos por muito tempo.

Desta forma, pode-se dizer que um bom professor é feito de suas atitudes, condutas e como se vê no papel de professor. Assim, ele assumirá suas responsabilidades de educador, ele começará a pensar tanto no lado de relacionamento, como motivar seus alunos, como ajudá-los em suas condições. Em relação à competência, preocupar-se-á em como ensinar melhor, como explicar, como preparar as aulas pensando nos seus alunos. Um bom professor não se faz pela sua personalidade, e sim, pelas suas condutas, e, neste campo, ele pode refletir e repensar nas suas responsabilidades, prioridades e no seu papel.

Sobre a relação professor-aluno, o autor fala sobre a motivação e as necessidades dos alunos. Segundo o autor, a motivação do aluno cresce quando ele vê satisfeitas suas *necessidades*

psicológicas. Os alunos têm necessidades e o professor deve levá-las em conta. Assim, a eficácia do professor viria da eficácia em que as necessidades básicas dos alunos são satisfeitas.

Nós, professores, seremos eficazes na medida em que levarmos em conta essas necessidades. Essas não podem reduzir-se à necessidade de ser *aprovado na matéria*; é algo mais profundamente humano. Segundo esse pressuposto, a *eficácia* das condutas do professor deriva-se, por sua vez, da eficácia que tais condutas tenham para satisfazer as necessidades básicas dos alunos. (MORALES, 1999, p.53)

As condutas dos professores são a conduta verbal, como se comunica; a conduta não-verbal, gestos e olhares; e a conduta em um sentido próprio, o que o professor faz e como se organiza. Enfim, da forma como o professor considera sua tarefa de ensinar, traduz-se em como lida com os alunos na sala. “Sua própria concepção do que é ser professor expressa-se continuamente de múltiplas maneiras, de forma natural e espontânea.” (MORALES, 1999, p.54)

O aluno possui necessidades psicológicas que devem ser satisfeitas, para que ele seja mais motivado. O professor deve satisfazer tais necessidades básicas. Para uma, sua conduta deve ser eficaz. A conduta do professor pode se dar de três formas, todas elas trabalhando em conjunto, a fim de lidar e se relacionar melhor com seus alunos.

Ainda em relação às ações do professor e às necessidades dos alunos, o autor cita a *qualidade das relações interpessoais*, que se traduzem em dedicação do professor à comunicação com os alunos, manifestação de interesse e afeto, elogio com *sinceridade* e interação, prazerosamente com os alunos. Para DEIRO (1995), o professor precisa criar uma atmosfera de segurança e tranquilidade para que os alunos se sintam livres para “errar e aprender com seus erros”, pois aprender com os próprios erros é muito importante para seu crescimento pessoal.

O professor deve ainda, *dar estrutura ao aprendizado*, isto é, dar informação, orientação e cuidar da seqüência didática, tudo em favor da *eficácia do aprendizado*. Ele pode manifestar expectativas, dar informações úteis, ajustar-se ao nível dos alunos.

A *autonomia do aluno* deve ser apoiada, segundo o autor, o que significa dar maior margem de liberdade às atividades de aprendizado, claro, sem pressão sobre o aluno. Os alunos podem aprender com sua autonomia a colaborar, trabalhar em grupo, respeitar-se entre si, apreciar outras culturas, aprender a pensar.

Boa qualidade das relações interpessoais: dar estrutura ao aprendizado e dar autonomia ao aluno são elementos essenciais ao professor. Ele não pode apenas pensar que o aluno quer tirar notas boas nas provas ou passar de ano. Há grande importância na comunicação entre as partes, o

aluno precisa de manifestações de afeto, de um ambiente tranquilo para aprender, ser guiado, ter mais liberdade nas suas atividades, enfim, aprender e sentir que está aprendendo, fazendo-o de uma forma agradável.

As primeiras impressões traduzem-se em condutas do professor que podem ter repercussões. MORALES (1999) considera primeiras impressões como também o que implica avaliações prévias, como preconceitos e opiniões valorativas que o professor recebe de outros sobre alunos que ainda não conhece. Tais juízos ajudam na formação dessas primeiras impressões.

Este é o âmbito do que o autor chama de *não-formal* em que as primeiras impressões que o professor tem dos alunos pode condicionar o estilo de relação bom ou não com a nova classe. A informação sobre a sala pode ser muito útil e às vezes inevitável. Sabendo disso, o professor tem que ser mais cuidadoso, pois essas avaliações iniciais podem influir na qualidade de relação entre o professor e o aluno.

As primeiras impressões do professor são importantes, e tão importantes quanto elas, são as primeiras impressões que os alunos podem ter do professor. O professor também é avaliado pelos alunos, avaliação que também pode condicionar suas atitudes.

O autor considera essas primeiras impressões como um *modo de avaliação*, já que podem ser condicionantes, ou seja, elas são de *caráter avaliativo*, pois delas podem depender bons ou maus relacionamentos.

As primeiras impressões que o professor tem de uma sala podem influenciar suas ações e assim, condicionar o tipo de relação que ele terá com sua nova turma. Sabendo de tal perigo, o mais prudente seria o professor ser mais cuidadoso e não deixar que tais impressões o impeçam de ter atitudes positivas para com a sala.

Da mesma forma que o professor, muitas vezes, faz uma “avaliação prévia” da sala, os alunos também têm suas primeiras impressões sobre o professor. Avaliação que os alunos fazem é da mesma forma condicionante. Assim, é importante que o professor saiba desta reciprocidade de antemão, para que possa evitar um possível mau relacionamento e ter clareza a respeito de suas conseqüências.

O autor cita algumas características das primeiras impressões: a rapidez com que elas se formam; são com freqüência tema de conversa entre professores; estão centradas na maneira dos alunos, como suas personalidades e interesses. A maior parte das informações funda-se em

observações informais, de conduta e perguntas. E a avaliação inicial é tida pelos professores “com grande confiança em sua própria capacidade de captar como os alunos são”.

Tal avaliação tem a tendência de permanecer estável durante o curso e, de alguma forma é comunicada aos alunos. A primeira impressão pode ter conseqüências relevantes em relação às expectativas do professor, aos níveis de exigência, ao aspecto geral da classe e das avaliações.

Mas, o que fazer quando se está em uma situação como esta? Esta é uma situação em que esse tipo de avaliação é quase inevitável. Ela é informal, inicial e estável, o que pode ser prejudicial aos alunos, e suas conseqüências são importantes. MORALES (1999) sugere que o professor busque uma primeira impressão mais rigorosa, quando oportuno. O professor poderia conversar ou fazer um questionário anônimo com os alunos sobre as suas expectativas, sua procedência e interesses, e depois, o professor poderia comentar as respostas e contribuir para começar com um bom relacionamento.

O professor pode também ter uma conversa sincera com os alunos, esclarecer quaisquer dúvidas e preconceitos que eles tenham da matéria ou do professor. De qualquer forma, com o tempo que o aluno passará a ver e conhecer melhor seu professor, ele terá a oportunidade de mudar essa primeira impressão.

O primeiro dia de aula, ou os primeiros dias, segundo Morales, constitui o momento em que o professor faz uma introdução e fala sobre suas expectativas em relação à sala. Tudo isto tem sua importância. Desta forma, a fala do professor não deve ser improvisada, uma vez que os alunos estão dispostos a ouvir o que ele tem a falar, portanto é uma ótima oportunidade a qual não se pode desperdiçar.

O autor sugere que o professor comente sobre a matéria e sua importância, sobre o programa do curso e sobre as normas que são oportunas. Mas, para uma melhor relação, uma *boa relação motivadora*, pode-se comentar algumas idéias que estão conectadas com os comentários feitos sobre as primeiras impressões obtidas. Por exemplo, que o êxito de todos é possível e importante para os professores, “que um passado ruim não conta”, que a função do professor é contribuir para o aprendizado e crescimento dos alunos. Estas são algumas idéias que poderiam ser verbalizadas.

Os primeiros contatos entre professor e alunos são considerados importantes tanto por MORALES (1999) quanto por DIXIE (2006). Este é o momento em que os alunos querem saber sobre o professor, querem conhecê-lo e ouvir o que ele irá dizer. O professor pode e deve se

aproveitar desta oportunidade para conversar sobre assuntos importantes, como suas expectativas perante a sala, as normas a serem observadas e algumas idéias, como as sugeridas por Morales.

MORALES (1999) explica em seu livro sobre o efeito Pigmalião. Esta é uma expressão que se refere aos efeitos das expectativas que o professor tem quanto ao rendimento dos seus alunos. Isto é, as expectativas do professor estão diretamente relacionadas com o rendimento dos alunos.

O comportamento do professor varia de acordo com o que espera de seus alunos. O professor que tem uma expectativa de maior rendimento sobre um aluno tende a tratá-lo de maneira diferente do que costuma tratar os demais.

O autor explica que tal tratamento diferencial pode acontecer de algumas maneiras: o professor pode estabelecer um clima *socioemocional* mais agradável, por meio de comunicações e gestos não-verbais; o professor pode fornecer uma informação diferenciada que ajude mais tal aluno em seu aprendizado; contribuir mais para o êxito acadêmico dele do que dos outros colegas de sala; pode dar a este aluno mais oportunidades para responder; perguntar mais; dar mais tempo para o aluno responder; pode iniciar interações mais freqüentemente.

Pode-se se tratar de condutas sutis dos professores, que seriam aparentemente inofensivas, mas que produzem grande efeito no aluno ao qual se dirigem. O autor sugere que o professor aja assim ao invés de com apenas um ou poucos alunos, com todos. Esse comportamento teria o efeito de animá-los. Deve-se, inclusive, dar maior tempo a todos.

Pedro Morales (1999) conclui dizendo que o professor deve conscientizar-se de que as condutas associadas às suas expectativas podem contribuir, sem dúvida, para o êxito de uns, mas da mesma forma, para o fracasso de outros. Neste sentido, o professor deve observar seus gestos, olhares e elogios com todos os alunos, pois todos têm muito para dar e, sentirem-se mais reconhecidos, darão mais de si e se sentirão mais felizes.

O efeito Pigmalião pode tanto incidir positiva como negativamente sobre os alunos. Quando o professor cria expectativas boas em relação a um aluno que tenha bom rendimento, passa a tratá-lo com diferencial. Ao mesmo tempo que está privilegiando uns, está não-privilegiando ou dando menos atenção a outros. Assim, ele contribui para o êxito de poucos e ao fracasso de muitos. Tal situação não pode acontecer: todos devem ter a oportunidade de crescer e obter êxito. Para tanto, fazer o que MORALES (1999) sugere pode ser muito eficaz: privilegiar a todos, fazer com que todos se sintam reconhecidos.

Na relação professor-aluno, a comunicação tem grande importância. MORALES afirma que há professores que, com a finalidade de criar uma atmosfera mais agradável em sala, optam por comentar assuntos pessoais em sala, como opiniões pessoais, êxitos ou fracassos que ilustram o que está sendo falado na aula, etc.

O escritor trata do tópico recorrendo à psicologia que considera tal abertura na comunicação algo positivo, pois “contribui para criar boas relações”. As conclusões de estudos feitos apontam para o fato de que quando alguém se abre para contar algo à outra pessoa, o efeito seria que a outra pessoa retribuísse o afeto, como consequência do primeiro ter confiado antes.

Assim, a abertura do professor “incide em uma maior participação dos alunos”, em uma atmosfera de maior motivação entre os alunos e professor. O autor ainda coloca que o professor pode se sentir livre para conversar com os alunos, pois antes de ser professor, ele é uma pessoa humana: “Não devemos ter medo de nos apresentar aos alunos como somos, pessoas humanas, com sentimentos e opiniões pessoais, com algo pessoal a comunicar ocasionalmente e, além disso, professores.” (MORALES, 1999, p.105)

Se o professor tiver alguma experiência que considere válida e relevante, ele pode contar para a classe, uma vez que tal abertura é considerada pela psicologia um momento positivo que sugere uma relação de confiança entre as partes envolvidas. Ele pode conversar com seus alunos, mas deve sempre se lembrar de seu papel em sala.

O professor deve se preocupar em criar e em manter uma relação saudável, tranqüila e didática entre si e seus alunos. No entanto, é também seu dever refletir sobre a relação *entre* alunos, pois ela é “suficientemente importante”.

O autor sugere que o docente condicione situações de diálogo entre alunos que sejam “eficazmente educativas”. Ele pode estruturar situações para que os alunos dialoguem entre si sobre assuntos importantes, não necessariamente acadêmicos, mas que se encaixem em “situações de aula normal”.

Os alunos devem falar com objetivos concretos. São três os abordados no livro: *Integrar no grupo os alunos mais marginais; aprender a trabalhar juntos e refletir sobre nossas próprias atitudes e valores.*

Há estratégias para ajudar alunos marginalizados, como formar grupos de trabalho e propiciar tarefas cooperativas em sala de aula. Para isto, o professor deve integrar ele mesmo os alunos marginais com aqueles que podem ajudá-los. Tais estratégias são mais indicadas para

ambientes multiculturais, na medida em que ajudam a melhorar as relações entre colegas de sala e diminuir ou acabar com os preconceitos.

Trabalhar em equipe pode ser ótimo, segundo MORALES, mas para garantir que seja proveitoso, há uma estratégia educativa: propor uma situação auto-avaliativa, como pedir para os alunos avaliarem a tarefa que fizeram em equipe. Desta forma, os alunos estarão refletindo sobre o trabalho que fizeram, como trabalharam, se todos os integrantes do grupo participaram, e podem comentar e tirar uma conclusão desta atividade.

O que o professor está fazendo ao propor esta atividade é “criar uma situação de comunicação entre os alunos com um propósito educativo”. O professor pode intervir, de acordo com o perfil da sala. O importante é que os alunos sejam os responsáveis por suas próprias reflexões.

Com isso, eles devem começar a aprender a escutar o outro, colaborar, entender e aceitar. Eles precisam “trazer coisas à consciência”. O trabalho em grupo pode ter seu lugar em outros espaços, como em atividades extra-acadêmicas e em uma avaliação estruturada, habitual e compartilhada.

Refletir sobre nossos próprios valores e atitudes é importante, assim, o professor deve facilitar a reflexão, educar e transmitir atitudes e valores. Além disso, no âmbito das atitudes e valores, o professor deve respeitar seu aluno, sua liberdade e seu modo de sentir. O professor deve criar situações ou oportunidades em que os alunos comecem a pensar e falar sobre coisas importantes.

“[...] a avaliação de atitudes e valores pode ser ao mesmo tempo uma experiência didática de aprendizado muito especial. A pessoa aprende aquilo que ela interioriza, que torna próprio e que vive como válido.” (MORALES, 1999, p. 155)

Para o autor, as discussões em sala podem ajudar a refletir sobre atitudes e valores, mas ajudam ainda a tornar claros os valores de alunos que talvez não aprendam nada de novo. O professor deve ensinar e mais que isso, propiciar situações de aprendizado, algo que requer comunicação, diálogo.

O professor, ao prestar atenção ao relacionamento entre alunos, poderá perceber que talvez os alunos precisem se integrar mais. As sugestões oferecidas pelo autor são muito válidas, na medida em que propõe não só o diálogo em sala, como discussões, mas também atividades

didáticas em que os alunos dialogam juntos, um colega ajudando o outro, em uma relação saudável que proporciona um melhor relacionamento entre alunos.

A proposta da auto-avaliação pode ser também um ótimo caminho para os alunos começarem a falar e refletir sobre assuntos importantes, além de pensar em seus valores e atitudes, como se relacionam com o outro. Vale lembrar que o professor deve ajudá-los nesta tarefa, mas sem intervir em sua liberdade.

4 PARTE EMPÍRICA

Para obtenção e análise dos dados foram feitas observações de aulas em três escolas particulares de idiomas da mesma rede de franquias na cidade de Araraquara. As dez sessões de observação, totalizando 20 horas, contribuíram para a realização desta parte empírica.

Sessão de observação 1: Professor 1
Unidade Araraquara 3
Nível básico
Número de alunos por sala: nove

O professor estava corrigindo a tarefa, os alunos deveriam falar as respostas que colocaram no livro. Cada aluno respondia uma questão, de forma que os alunos que responderam corretamente foram parabenizados, com expressões como “muito bem”, “ótimo”, “bom”. Mas quando o aluno não respondeu certo, o professor não disse nada, apenas corrigiu-o em seguida.

Apesar de o aluno não ter acertado, ele não foi elogiado pelo seu esforço e dedicação que teve ao fazer a tarefa. Inconscientemente, o aluno pode ter sido desmotivado, pois apesar de ter tentado, não atingiu as expectativas do professor.

Durante as aulas, os alunos costumam ler os textos do material didático. Na leitura de um texto, um aluno pronunciou uma palavra incorretamente. Em seguida, o professor pediu para todos repetirem a palavra que a aluna havia falado. Em outro momento, uma aluna estava lendo quando falou errado. Ele esperou ela terminar de falar a frase e pediu para que ela repetisse a palavra depois dele.

Tais correções são realmente necessárias, pois modulam a pronúncia do aluno e ajudam na compreensão auditiva. Mas elas podem acarretar um sentimento de vergonha ou inferioridade, uma vez que quase todos falam corretamente e poucos alunos precisam ser corrigidos. Uma possibilidade que poderia ser considerada é o professor memorizar ou anotar as palavras para que depois de todos lerem o texto, todos repetirem todas as palavras, a pretexto de serem palavras com pronúncia diferente.

Ao corrigir um exercício, uma aluna construiu uma frase errada. O professor parou a correção para explicar somente para ela qual seria o correto e o porquê. Neste momento, todos os outros alunos dispersaram-se para fazer outra atividade, enquanto apenas uma aluna ficou tendo explicações.

Se o professor ajuda a aluna a fazer a frase apenas naquele momento, ele não vai resolver o problema dela, mas vai evitar que ela fique constrangida. Mais tarde, ainda na mesma aula ou na aula seguinte, o professor poderia voltar a essa parte da matéria, explicar novamente e passar alguns exercícios a serem feitos durante a aula e mais alguns para serem feitos em casa. Esta seria uma alternativa para esse caso de conflito.

Notou-se que alguns alunos são mais incentivados que outros, como, ao dar um exemplo, ele falou das férias de uma aluna, depois ele tornou a fazer mais perguntas a ela. Ele não voltou a comentar nenhuma experiência de outros alunos. Ele revelou essa “intimidade” apenas com esta aluna, que, na verdade, é uma aluna extrovertida, com bom desempenho, participativa. Alunos como esta menina costumam ser privilegiados.

Claro que o professor pode fazer esses tipos de menções, incluir experiências pessoais dos alunos nas explicações e exemplos, para que haja maior aproximação e entrosamento entre os alunos. No entanto, quando isso acontece com apenas uma aluna de nove alunos, pode ser algo não muito valioso. Seria mais proveitoso que ele fizesse isso com mais alunos, para que todos se sentissem mais valorizados e incentivados pelo professor.

O professor nem sempre acolheu o aluno nesta sessão. Uma aluna deveria responder a uma pergunta do livro e ela não sabia ao certo como fazer, levou mais tempo do que o normal e como o professor percebeu que a aluna não estava conseguindo, começou a explicar a resposta a ser dada. Talvez a melhor atitude fosse ajudá-la acolhendo-a, sem expô-la tanto à sala, ajudando-a a construir a resposta, a partir do que havia de correto na frase dela.

Em geral, os alunos não tiveram vergonha de fazer perguntas, exceto a aluna com desempenho menor, que, com certeza, deveria ter feito ao menos uma pergunta, mas não disse nada. Seria interessante que o professor conversasse com esta aluna, explicando suas intenções, que ele espera que ela pergunte mais, que ele gostaria que ela participasse mais, que ela não fosse embora com dúvidas, pois ele estava pronto para ajudá-la.

Sessão de observação 2: Professor 1

Unidade Araraquara 3

Nível básico

Número de alunos por sala: sete

O professor, durante a aula, explicou um tópico gramatical e logo em seguida começou a fazer perguntas aos alunos. Ele fez uma pergunta a uma aluna e ela ficou sem responder, parada por alguns instantes. Ele voltou a falar: “essa palavra, você se lembra?!” Ela ficou quieta mais uns instantes. Então, ele deu a tradução do vocábulo, para que ela conseguisse responder.

Ao ver que a aluna estava quieta e não conseguia responder, ele poderia tê-la ajudado, ou, pelo menos não deveria perguntar se ela se lembrava, pois estava claro que não. Uma alternativa seria ele pedir para a sala ajudá-la e/ou simplesmente dar a tradução da palavra rapidamente.

Durante esta sessão de observação, o professor não fez nenhum comentário sobre sua vida pessoal, com experiências próprias. Em geral, este tipo de abertura é considerado positivo pela psicologia, pois inspira confiança. O professor conta algo que lhe aconteceu, e isso pode dar mais tranquilidade e liberdade para os alunos também falarem em sala.

Em um dado momento da aula, o professor fez uma pergunta a uma aluna, e ela disse rapidamente “Professor, eu não entendi nada o que você disse”. O professor deu uma breve pausa e traduziu a pergunta. Uma alternativa seria repetir a frase mais devagar e ajudar a aluna a responder, talvez traduzindo algumas palavras.

Durante uma atividade de compreensão auditiva, o professor colocou a pergunta no aparelho de som e perguntou a uma aluna a resposta. Ela respondeu a alternativa incorreta. Ele perguntou a ela o que ela entendeu da frase que ela ouviu, e ela falou poucas palavras. Ele repetiu a pergunta e mesmo assim ela não entendeu. Então, o professor colocou a frase na lousa e traduziu-a. Finalmente, a aluna respondeu corretamente.

Uma alternativa, a fim de evitar maiores constrangimentos, seria colocar o CD para os alunos ouvirem a pergunta e depois pedir para a classe ajudá-lo a escrever a frase na lousa. Tudo esclarecido, só então ele poderia perguntar para a menina a resposta. As chances de a aluna errar seriam bem menores.

Ainda na mesma atividade, na pergunta seguinte, o professor colocou a frase no rádio apenas duas vezes e perguntou para uma outra aluna qual seria a resposta certa. Ela respondeu a alternativa errada. Então ele disse que não, que esta não seria a alternativa certa. Em seguida, ele repetiu a pergunta e perguntou “Qual seria a resposta correta?”. A aluna tornou a insistir na mesma alternativa e disse que não estava entendendo. Ao invés de ajudá-la, ele repetiu a pergunta de novo, em inglês.

Falar e repetir uma pergunta ou frase não faz com que o aluno entenda. A melhor forma seria colocar na lousa (se for o caso do aluno que não possui uma compreensão auditiva muito boa, mas ao ver as palavras na lousa entende melhor, pois reconhece a escrita), traduzir e explicar o porquê daquela resposta. Em nenhuma hipótese poderia dizer para a aluna que aquela alternativa que ela escolheu não seria, de alguma forma, apropriada, sem explicar as razões, como aconteceu de fato na aula.

Ao final da aula, o professor passou as páginas e exercícios da tarefa, explicando o que os alunos deveriam fazer em cada atividade. Uma maneira para acolher melhor os alunos seria, após explicar os exercícios, fazer o primeiro junto com os alunos e verificar se alguém tem alguma pergunta. Ao mesmo tempo, dar a tradução de palavras que são comumente confundidas ou até dicas de como fazer a tarefa. Dessa forma, o professor convida mais o aluno para fazer as tarefas, sem medo e com mais motivação.

Sessão de observação 3: Professor 2

Unidade Araraquara 2

Nível básico

Número de alunos por sala: onze

A professora relaciona-se bem com os alunos, conversou sobre o fim de semana, como eles passaram a semana, o que fizeram. Os alunos responderam bem às perguntas em um clima amistoso. O que se percebe é que há respeito mútuo entre os alunos e o professor.

Durante a correção das tarefas, em geral os alunos responderam tudo certo. Algumas vezes ela fez a expressão “sim” e em outras ela elogiou, com palavras como “bom”, “ótimo”, “excelente”, “legal”, entre outras. O elogio é sempre muito bem vindo, pois aumenta a auto-estima dos alunos, motiva-os mais e incentiva-os ainda mais.

Durante a explicação, a professora pediu para os alunos a ajudarem para completar as perguntas e respostas na lousa. A professora usou a estratégia de pedir um a um para ajudá-la, em ordem de disposição de lugares. Desta forma, não houve aluno que fosse privilegiado, pois todos tiveram sua chance de ajudar e responder.

Os alunos são sempre chamados pela professora pelos seus devidos nomes, o que transmite certa confiança aos alunos. Quando ela conversa com eles, o aluno não é qualquer um, ele é o “Bruno”, a “Lívia”, o “Rafael”. O aluno sente que o professor está falando com ele, que espera que ele tome uma atitude, que gostaria que ele ajudasse. Este é um passo importante: o professor precisa conhecer melhor seus alunos, entender um pouco de suas vidas, para poder ajudá-los da melhor maneira possível.

Ao final das explicações, a professora perguntou “sem problema pessoal?”. A intenção da professora era checar se os alunos haviam entendido, se restava alguma dúvida. Talvez essa expressão não seja a mais adequada, pois se o aluno diz que sim, parece que este aluno tem um problema, enquanto, na realidade, não é um problema, seria algo natural e imprescindível. Uma expressão do tipo “Alguma dúvida?” ou “Vocês gostariam de dizer algo?” transmite a mesma mensagem, mas com um tom mais amistoso.

Logo no início da aula ela conferiu se os alunos haviam feito as tarefas, exercícios e uma pequena redação. Um dos alunos não havia feito a redação, a professora reagiu bem, disse que o aluno poderia entregá-la na semana seguinte, o aluno concordou.

Dar uma segunda chance aos alunos é muito importante no processo de ensino e aprendizagem. O aluno alegou que não teve tempo para fazer toda a tarefa e a professora depositou sua confiança no aluno: deu-lhe uma segunda chance. Em uma situação como esta, o aluno sente-se satisfeito e respeitado pelo docente.

Após trinta minutos de uma aula de duas horas, uma aluna bate na porta e entra. A professora poderia ter tido uma atitude negativa, como “você chegou atrasado, que pena” ou “você está atrasado, agora perdeu partes importantes da aula”. Mas, ao invés disso, a professora abriu um sorriso e disse “Olá Mariana, tudo bem com você? Que bom que você veio, a gente estava te esperando”. A aluna com certeza sentiu-se bem-vinda, pois mesmo chegando muito atrasada, ela foi bem recebida, e encontrou um clima tranquilo na aula.

Durante uma atividade de expressão oral, a professora pediu dois voluntários para fazer o exercício. Os alunos ficaram imóveis, a professora fez novamente o convite, em tom de bom humor. Dois alunos aceitaram sem problemas participar da atividade. A professora disse: “Lívia, eu sei que você quer participar! Vamos participar então”. A menina riu e concordou.

O bom humor é sempre um aliado do professor, ele consegue que os alunos participem mais, façam mais atividades e aprendam mais em um clima tranquilo e confiável. Os alunos se sentem bem e aceitam a proposta. Se o professor toma atitudes ameaçadoras, os alunos começam a não querer participar e ficam receosos de errar, com medo do que o professor possa vir a falar.

A professora conseguiu acolher bem seus alunos durante essa aula, conversando com eles. Seus gestos e olhares foram incentivadores.

Sessão de observação 4: Professor 2

Unidade Araraquara 2

Nível básico

Número de alunos por sala: nove

A professora começou a aula com a explicação de um tópico gramatical. Ela explicou toda a matéria, colocou na lousa a explicação e modulou a pronúncia dos alunos. Após esses procedimentos, ela pediu para classe ajudá-la a construir as frases em inglês. Ela falava em português e os alunos tinham que falar as frases em inglês.

A estratégia usada foi que a sala a ajudasse, não individualmente, pois a matéria havia sido recém explicada. Então, um aluno ajudava o outro e a frase era bem construída. Caso ela pedisse individualmente, o aluno poderia ficar com vergonha, com medo de errar e, caso errasse, poderia se sentir mal, desmotivado.

Os alunos fizeram perguntas durante as explicações e exercícios, um sinal de que se sentem mais confiantes e de que não têm medo de expressarem suas dúvidas.

Durante a leitura de um texto, a professora pediu para duas pessoas lerem o texto, uma vez que ninguém se colocou na condição de voluntário. Então, ela escolheu dois alunos. Quando ela pediu para uma aluna, ela disse não queria muito fazer a atividade, porque não sabia se conseguiria falar tudo certo. A professora disse que a ajudaria, caso ela precisasse.

Este tipo de atitude incentiva a autonomia dos alunos, pois mesmo que pensem que não conseguem, o professor precisa fazer com que o aluno tente, apesar das barreiras que tenham de enfrentar. Da próxima vez, a aluna saberá que, caso erre, a professora estará disposta a ajudá-la novamente.

Quando o aluno precisa de ajuda, o professor mostrou-se disposto. Os alunos fizeram perguntas referentes à matéria e também a respeito de curiosidades. Em todos os casos, a professora ouviu-os atentamente e respondeu todas as perguntas.

É comum acontecer de um aluno perguntar algo que não está na matéria e o professor se recusar a responder, ou, por vezes, fazê-lo de maneira desagradável, alegando que o que o aluno está perguntando não está relacionado com a aula.

Tal atitude prejudica a auto-estima do aluno. Talvez em uma próxima vez não estará disposto a perguntar, mesmo sendo perguntas referentes à matéria. A curiosidade do aluno

pode ser algo muito valioso para a aula, tudo depende da maneira como o professor conduzirá situações como estas.

As atividades de expressão oral foram feitas em duplas ou em trios. A cada atividade, a professora colocava, trocava os grupos, de forma que todos os alunos conversassem e interagissem com todos. Os exercícios foram produtivos, na medida em que todos participaram e houve uma interação entre os alunos.

Esta é uma estratégia boa, no entanto, o mais aconselhado seria que a professora colocasse os alunos, de forma que um aluno mais avançado ajudasse a um aluno com mais dificuldade.

Sessão de observação 5: Professor 3

Unidade Araraquara 2

Nível intermediário

Número de alunos: seis

No início da aula a professora parabenizou uma aluna pelo seu aniversário e ainda sugeriu que houvesse uma festinha, caso ela quisesse, nos últimos dez minutos da aula seguinte. Todos os meses os professores preenchem cartões de aniversário para seus alunos. Há, no cartão, uma mensagem já impressa e um espaço para o professor deixar seu próprio recado pessoal. Os cartões são preenchidos um mês antes do aniversário, para que dê tempo de chegar à casa do aluno.

Assim, depois de um tempo, muitas vezes o professor não se lembra mais. Mas nesse caso, foi ótimo, pois a professora lembrou-se que o aniversário da aluna estava muito próximo e aproveitou para parabenizá-la. A aluna ficou muito contente.

A professora fez uma atividade sobre o tópico gramatical que os alunos estavam aprendendo. Nesse exercício, eles tinham que se levantar e entrevistar todos os alunos, um por um, registrar as informações e depois relatar para a sala as informações que descobriram.

A atividade não constava no material didático. No entanto, foi excelente, pois todos os alunos conversaram com todos e ainda praticaram a gramática e a conversação. Este tipo de atividade ajuda na integração entre os alunos, dando a oportunidade de todos interagirem.

Durante a atividade, entretanto, a professora corrigiu a pronúncia de duas alunas enquanto estavam entrevistando outros alunos. Normalmente, a atitude não deve ser essa, pois o aluno pode se sentir desgostoso, com vergonha, perder a vontade de participar ou até entender que o que ele faz ou fala está errado, que o esforço não compensa.

Uma alternativa de procedimento seria anotar ou ter em mente os erros mais comuns e depois dar uma breve explicação, realizar uma “pequena revisão” para toda a classe, e, neste caso, modular a pronúncia dos alunos também. Desta forma, quem já sabe tem a chance de revisar e aprender melhor, quem sabe parcialmente terá a chance de melhorar e quem sabe pouco terá uma oportunidade valiosa para entender realmente o novo tópico.

Houve, nessa sessão, de observação, um exercício em que a sala teria que entrevistar um aluno da turma. Todos deveriam fazer perguntas para o entrevistado. Não havia exatamente uma

ordem, mas todos deveriam falar. Todos participaram uns mais, outros menos. No entanto, houve uma aluna que não fez nenhuma pergunta.

Em certa altura da atividade, a professora falou que, então, seria a vez da Paula porque ela ainda não havia feito nenhuma pergunta. A atividade que estava natural e tranqüila tornou-se muito artificial, pois todos pararam de falar e olharam para a aluna, esperando a pergunta dela. A aluna ficou muito tímida e, então, demorou ainda mais para pensar em algo, ficou em uma situação delicada.

O professor não comunicou suas expectativas aos alunos, mas deveria fazê-lo. Ela poderia ter dito no início da atividade que não haveria uma dada ordem, mas que ela esperava que todos os alunos participassem do exercício fazendo, pelo menos, uma ou duas perguntas cada, para que desta forma a atividade fosse proveitosa para todos.

Quando o professor comunica suas expectativas aos seus alunos, eles certamente entenderão a importância que há na participação de todos, que a contribuição de cada aluno é valiosa para o aprendizado de si e também de toda a sala. Assim, o aluno sentirá que está aprendendo, de uma forma agradável, em um ambiente tranqüilo.

Sessão de observação 6: Professor 3

Unidade Araraquara 2

Nível intermediário

Número de alunos: sete

Nesta aula a professora preparou uma atividade muito interessante a ser realizada fora da sala de aula, onde os alunos teriam que comprar ou vender objetos. A professora trouxe os objetos e etiquetou-os com os nomes em inglês para ajudar.

Antes desta atividade, ela explicou aos alunos algumas expressões usadas para comprar, vender e para explicar porque se quer ou não comprar tal algo. Os alunos aprenderam as palavras, as traduções e depois todos repetiram as expressões. No momento em que todos tinham que levantar para fazer realmente a atividade, os alunos começaram a reclamar que não conseguiriam fazê-la. A professora disse que todos iriam fazer.

Quando todos ou a maioria dos alunos reclamam sobre a atividade, a professora poderia escutá-los e pensar junto com eles em uma alternativa para a situação. No caso, a professora poderia ter falado com os alunos e, talvez, se os alunos exercitassem mais as expressões, eles se sentiriam mais seguros para fazer a atividade proposta.

Ouvir o aluno é essencial para um ambiente harmonioso, tranquilo e proveitoso, onde ambas as partes são beneficiadas em favor do aprendizado. O professor deve deixar de lado as suas vontades, centrar-se mais em suas atitudes, prestar mais atenção nos alunos, e, aliado a isto, manter seu canal de comunicação aberto.

Quando o aluno não entende, a professora explica novamente, tentando ajudá-lo. No entanto, as explicações dadas foram todas orais, o que, para uma aluna não funcionou muito bem. Uma alternativa seria explicar verbalmente e caso o aluno não entendesse bem, explicar usando a lousa, escrevendo. O professor deve utilizar todas as estratégias possíveis para que o aluno não saia da aula sem entender ou aprender.

A professora é bem quista pelos alunos, em geral todos participam e fazem as suas tarefas e atividades com bom humor. Ela é bem humorada, sem dúvida prepara bem suas aulas, sabe da matéria, dá boas aulas e se esforça para que os alunos tenham oportunidades para fazer atividades diferentes, que não são propostas pelo livro didático.

No entanto, suas atitudes e maneiras de lidar com as situações são, por vezes, um pouco desmotivadoras e isso pode ter como conseqüências resultados não-intencionais, como aquele em que o aluno pode aprender que ele não é capaz ou que seu esforço não compensa.

O mais indicado seria uma reflexão profissional por parte do docente. Ele deve pensar em seus atos e atitudes em sala de aula e mudar suas atitudes, de maneira que elas possam influenciar os alunos positivamente.

Sessão de observação 7: Professor 4

Unidade Araraquara 1

Nível básico

Número de alunos: oito

A professora pediu a duas alunas para lerem um diálogo do livro durante a correção da tarefa. Uma das alunas apresentava mais dificuldade do que a outra durante a leitura. Todas as vezes que a aluna parava para falar a palavra seguinte, a professora já completava a frase, e, quando a aluna errava a pronúncia das palavras, a professora logo dizia a pronúncia correta.

A autonomia do aluno deve ser incentivada o máximo possível. O professor deve dar mais alguns segundos para, que o aluno sozinho tente fazer a atividade. Ele deve entender que ele tem potencial e que consegue, assim como seus colegas de sala. Caso ele tente e não consiga atingir os resultados esperados, ele ainda sim aprenderá que é preciso tentar para conseguir progresso.

A professora poderia dar mais atenção a esta aluna ao perceber que ela precisa de ajuda. Alunos mais passivos comumente recebem menos atenção de seus professores, algo que agrava ainda mais a situação. Alunos que percebem que são considerados importantes para o professor podem dar muito mais de si durante seu aprendizado.

A professora freqüentemente pede aos alunos para lerem os textos do material didático. No entanto, durante a leitura, ela pede para os alunos lerem, mas sem seguir uma seqüência lógica, por exemplo, por ordem de disposição dos alunos na sala, o que ocasionou a acaso de uma aluna passar despercebida.

As turmas do curso de idiomas da escola costumam ser reduzidas, e por este motivo, um aluno passar despercebido é algo difícil de acontecer. No entanto, quando há este tipo de situação, o professor precisa refletir sobre suas atitudes, ele precisa entender que todos os alunos merecem uma chance de sentirem que têm seu próprio valor.

O professor deve sempre tratar todos de forma igual. Caso ele queira privilegiar algum aluno, que faça isso com todos, uma vez que alunos notados tratados de forma diferenciada, que são alvo de comentários positivos, por serem mais valorizados, empenham-se mais.

Nesta sessão de observação, a professora chamou a atenção dos alunos várias vezes, pedindo para eles ficarem quietos, para prestarem atenção, para ouvirem o CD, para pararem de falar e fazerem os exercícios em silêncio, entre outras advertências.

O professor quando chama a atenção dos alunos em demasia, os afeta negativamente. A professora poderia adotar uma estratégia mais eficiente, para não precisar ter que dar broncas. A estrutura das aulas devem ser bem pensadas e elaboradas pelo docente de antemão, para melhor desenvolvimento das aulas.

Além disso, o professor precisa agir de tal maneira que ele crie um clima tranquilo e amistoso na sala, de forma que os alunos se sintam à vontade para falar, colocar suas dúvidas e participar das atividades em sala. O aluno precisa de um ambiente em que ele possa errar e aprender com seus erros, sem pressão.

A professora explica a matéria aos alunos apenas oralmente, ela não utiliza a lousa para escrever os tópicos gramaticais, frases, palavras novas e correção de exercícios.

Nem todos os alunos conseguem entender em uma primeira explicação, ainda mais quando ela é feita apenas oralmente. O professor precisa respeitar o ritmo de cada aluno, explicar melhor na lousa, praticar o que foi dito e conferir se os alunos estão entendendo, com perguntas e atividades.

Sessão de observação 8: Professor 4

Unidade Araraquara 1

Nível básico

Número de alunos: dez

Durante a correção de exercícios, um aluno chamou a professora porque não havia entendido o seu erro. A professora tentou explicar, mas sempre dando a resposta correta e não explicando como se constrói a resposta a partir da pergunta.

Assim, quando o aluno precisa da ajuda da professora, ela, de uma forma ou de outra, ajuda, mas poderia ajudar mais e melhor. Ela costuma dar diretamente a resposta correta, e, assim, ela não está ajudando o aluno a pensar por si só.

A professora ao pedir favores, como abrir o livro, ler, escrever, falar, levantar-se, o faz de uma maneira não muito autoritária, mas se esquece de mostrar mais respeito e cortesia a seus alunos.

O professor ao usar cortesia quando se dirige aos seus alunos, leva-os a entender e a incentivá-los na retribuição da gentileza. Usar palavras como “por favor”, “obrigado/a”, “com licença”, “poderia...?” ajudam na convivência, em um primeiro momento, dentro da sala de aula, e, conseqüentemente, na vida do aluno nos mais diversos ambientes.

Nessa aula, uma parcela considerável da sala não havia feito os exercícios, a tarefa. A professora seguiu com a correção como havia planejado. Os alunos que já haviam feito corrigiram, e os alunos que não haviam feito, escreveram a correção no livro.

É comum que algum aluno não faça a tarefa, por conta de provas na escola, pelo trabalho, por ter esquecido ou algo do tipo. Mas o professor deve sempre manter seu canal de comunicação aberto e comunicar suas expectativas aos alunos. Ela poderia conversar com os alunos e dizer o quão importante fazer tarefas é, que ela conta com a dedicação e contribuição deles, que toda a sala progride melhor quando há dedicação e esforço por parte de ambos, do docente e do aluno.

Neste caso, a professora não poderia ter corrigido a tarefa, pois ela tirou a chance de os alunos fazerem os exercícios e aprenderem melhor com eles. Quando o aluno apenas copia ou escreve a resposta, ele dificilmente estará realmente aprendendo. O mais indicado seria dar um tempo para que todos fizessem a tarefa na sala ou combinar de corrigir a tarefa na aula seguinte.

Em uma atividade de produção oral em duplas, os alunos deveriam fazer as questões e perguntá-las a seu colega de sala. Após a professora ter corrigido todas as perguntas, ela pediu para os alunos se levantarem para fazer a entrevista em pé. Os alunos reclamaram e disseram que não, esboçando um fundo de preguiça. Ela concordou.

O docente ao tomar este tipo de atitude, está ensinando sem intenção aos seus alunos que, quando ele pede algo, eles não necessariamente precisam aceitar. A professora perde um pouco de sua credibilidade, pois os alunos podem entender que se a sua proposta fosse importante, ela teria que ser realizada de uma maneira ou de outra. Ela poderia ainda ter explicado o fundamento de seu pedido e pedir para eles levantarem, participarem mais das atividades.

Sessão de observação 9: Professor 5

Unidade Araraquara 3

Nível Básico

Número de alunos: onze

Durante a correção da tarefa, duas alunas dizem que não entenderam o que deveriam fazer na tarefa, e por isso, não a fizeram. O professor disse que elas não haviam entendido porque elas haviam faltado na aula passada.

Na verdade, aluno tem que ser acolhido e se sentir acolhido na aula o máximo possível. Se o aluno faltou, não há problemas. O professor poderia explicar rapidamente a matéria, com a ajuda dos outros alunos, e fazer a correção com a participação de todos.

Em geral, quando o professor pergunta e apenas um aluno responde, ele se mostrou muito participativo na aula. O professor não repreendeu a sala por não ter colaborado e nem incentivou os outros a falarem.

O ideal seria que todos participassem, e para isso, que eles precisariam se sentir em um ambiente tranquilo e agradável para fazê-lo. O professor poderia comunicar suas expectativas aos alunos, dizer que ele gostaria que todos os alunos participassem durante as atividades. Há importância de participar, e é isto que ele espera deles em sala de aula.

Desta forma, alunos mais tímidos ou alunos que não costumam se pronunciar começarão a pensar mais no assunto: que precisam mesmo participar e expressar suas opiniões, pois elas são muito importantes e enriquecedoras para o ambiente de aprendizagem da sala.

Há um aluno que é privilegiado na sala. É um aluno muito participativo, que vem a todas as sessões no centro de estudos, estuda em casa, faz todas as tarefas, se identifica com a língua, tem facilidade, usa seu CD-ROM em casa, não falta às aulas, presta atenção nas aulas, ouve o CD em casa. Desta forma, o professor, de forma não-intencional, conversa mais com ele, pergunta mais se ele fez as tarefas, se ele compreendeu, se está entendendo.

Este tipo de situação é muito comum na sala de aula. O professor tende a se identificar mais com alunos que têm maior desempenho, que são mais participativos e comunicativos. O professor, muitas vezes sem perceber, conversa mais com eles, dá mais tempo para tais alunos responderem, dá mais oportunidades para responderem.

No entanto, o professor precisa entender que o estilo de relação que ele tem com seus alunos influenciará no aprendizado deles, e, assim, cabe aqui uma reflexão profissional, de forma que o docente comece a cuidar mais de suas atitudes, para influenciá-los melhor, em favor de um aprendizado melhor e mais saudável para todos.

Sessão de observação 10: Professor 5

Unidade Araraquara 3

Nível básico

Número de alunos: nove

Alunos gostam e respeitam o professor. No entanto, há um pouco de problemas relativos à disciplina. É mais comum não haver problemas disciplinares, devido ao pequeno número de alunos por sala e pelo pouco tempo de aula.

Quando os alunos conversam muito e atrapalham a aula, o professor repreende os alunos, pedindo para que eles fiquem quietos, para que prestem atenção, para que façam os exercícios. No momento em que os alunos estão conversando, este tipo de atitude resolve bem, mas o ideal seria que o professor comunicasse suas expectativas aos alunos, falasse da importância de prestarem atenção durante as aulas.

O professor mostrou-se muito calmo durante a sessão de observação. Ele repreendeu os alunos, mas não deixou de tratá-los com respeito. Em ocasiões como estas, é importante que o professor tente manter a calma, de forma que ele consiga proporcionar um ambiente tranquilo, uma relação saudável entre ele e seus alunos.

Durante as atividades de produção oral, o professor agrupa os alunos em duplas, de acordo com a disposição das carteiras na sala de aula. Os alunos, durante esta aula, fizeram todas as atividades orais com as mesmas duplas.

A variação é muito importante para o desenvolvimento e crescimento pessoal dos alunos. Em geral, alunos que entendem mais a matéria ou que estão mais avançados ajudam alunos que têm mais dificuldade. Quando os alunos conversam com todos os alunos, eles começam a se conhecer melhor, interagem mais e se ajudam, na medida do possível.

Ao final da aula, o professor explicou a tarefa detalhadamente aos alunos. Quando o professor explica bem o que se deve fazer em casa, o aluno se sente mais seguro e o número de alunos que não fazem a tarefa é muito baixo, os alunos fazem mais tarefas e melhor.

Quando os alunos fizeram perguntas ao professor, ele pedia aos alunos, para quem soubesse ajudar e responder. Os alunos que sabiam falavam em voz alta e os alunos que tinham dúvidas ouviam.

Este tipo de prática contribui para os alunos, na medida em que os alunos que sabem se sentem bem em ajudar o outro colega e em falar para a sala o que sabe. Já o aluno que perguntou ou o que não sabe consegue esclarecer sua dúvida.

Desta forma, o professor está, de certa maneira, incentivando a autonomia do aluno, uma vez que os alunos procuram saber mais, prestar mais atenção e fazer as tarefas, para que um dia, ele também possa falar e ajudar os outros colegas em sala. Além disso, os alunos aprendem a ajudar uns aos outros, colegas de sala podem se ajudar, fazer exercícios juntos, trocar idéias e experiências.

O professor prepara bem suas aulas, os alunos sabem o que fazer após as explicações, eles em geral fazem as tarefas e uns ajudam os outros. Quando um aluno não entende a explicação, o professor explica novamente, para que todos saibam a matéria.

É muito importante que o aluno se sinta parte de um todo e que saiba a matéria. Assim, ele sente igual aos outros, ele consegue fazer as atividades, entende as atividades e sente que está realmente aprendendo dentro da sala de aula.

5 RESULTADOS

Professor 1:

Bom relacionamento com os alunos;

Parabeniza alunos que respondem corretamente;

Alunos mais dedicados e bem sucedidos na língua são mais privilegiados;

Prepara suas aulas;

Formação de grupos a partir da disposição dos alunos na sala;

Explica rapidamente a tarefa.

Quadro 1 – Quadro referente ao professor 1.

Professor 2:

Ótimo relacionamento com seus alunos;

Incentiva a autonomia de seus alunos;

Não há alunos privilegiados;

Chama a todos os alunos pelos seus devidos nomes;

Professora ajuda seus alunos, explica quantas vezes forem necessárias;

Acolhe seus alunos dando-lhes uma segunda chance.

Quadro 2 – Quadro referente ao professor 2.

Professor 3:

Bom relacionamento com os alunos;

Atenta a dados pessoais dos alunos;

Prepara muito bem suas aulas;

Explica novamente quando o aluno não entende;

Dá oportunidade para todos participarem;

Explica a tarefa detalhadamente, assegura-se de que todos conseguirão fazê-la.

Quadro 3 – Quadro referente ao professor 3.

Professor 4:

Não incentiva a autonomia dos alunos;

Parabeniza alunos que respondem corretamente;

Alunos mais dedicados e participativos são mais privilegiados;

Pouca cortesia com seus alunos;

Não comunica suas expectativas a seus alunos;

Explica a matéria apenas oralmente.

Quadro 4 – Quadro referente ao professor 4.

Professor 5:

Relaciona-se bem com seus alunos;

Prepara suas aulas;

Privilegia alunos com alto rendimento;

Promove a interação e integração entre os alunos na sala de aula;

Explica bem as tarefas;

Alunos fazem as atividades de produção oral sempre com os mesmos colegas.

Quadro 5 – Quadro referente ao professor 5.

5.1 Identificação dos sujeitos

Professor 1 tem 26 anos de idade, formou-se em Geografia e ministra aulas há dezoito meses.

Professor 2 tem 36 anos de idade, formou-se em História aos 22 anos de idade e aos 32 reingressou no curso de Letras. Exerce a profissão de docente há 15 anos.

Professor 3 tem 24 anos, exerce sua profissão há 7 anos, formou-se em Pedagogia há 3 anos.

Professor 4 tem 19 anos, está ministrando aulas há 9 meses, está cursando Letras.

Professor 5 tem 24 anos, está na docência há 7 meses, está se graduando em Psicologia.

5.2 Análise dos resultados obtidos

Os professores 1, 2 e 5 preparam suas aulas e são bem quistos por seus alunos. Entretanto, o professor 2 se relaciona melhor com seus alunos, pois os acolhe, dando-lhes uma segunda chance, ajuda mais a seus alunos e não privilegia ninguém na sala de aula. Os professores 1 e 5, embora tenham suas qualidades, privilegiam alunos com alto rendimento em sala de aula. É comum que alunos que se dedicam mais e que se destacam sejam privilegiados pelo professor, porém, o professor precisa ficar atento a esse feito e se esforçar para tratar todos igualmente. Desta maneira, ele estará contribuindo mais para o aprendizado de todos os alunos.

O professor 3 e 4 asseguram a participação de todos, oferecendo-lhes as mesmas oportunidades para as questões propostas em sala de aula, em detrimento do professor 4 que não incentiva a autonomia dos alunos. O professor, ao dar chances para que todos se envolvam no processo educacional, está auxiliando o aluno a progredir cada vez mais. Mas, quando não se estimula sua autonomia, o estudante tende a não responder às questões das aulas e a ser responsável por suas próprias reflexões. Assim, o professor não está influenciando positivamente este aluno.

Os professores 1 e 5 costumam agrupar seus alunos com os mesmos colegas de sala para as atividades. Em contrapartida o professor 3, ao fazer atividades em grupo, varia mais as duplas

e também faz atividades de modo que todos os alunos perguntem e conversem com todos. O agrupamento de alunos pode ser variado, ao invés de ser sempre com os mesmos pares, conforme seu lugar na sala. Alunos com mais dificuldade e alunos com mais facilidade podem formar grupos muito produtivos, na medida em que um pode ajudar o outro. Assim sendo, ambos progridem. Os alunos também podem fazer atividades que envolvam todos da sala. Assim, todos conversam entre si, promovendo a integração e a interação entre os alunos.

Os professores 3 e 4 explicam a matéria e as tarefas. Contudo, o professor 3 explica melhor a matéria para seus alunos, escreve suas explicações na lousa, pede ajuda a seus alunos para formarem frases, perguntas e respostas além de explicar detalhadamente a tarefa, o que ajuda na compreensão do exercício e motiva o aluno a fazê-la em casa. O professor 4 explica a matéria apenas oralmente a seus alunos, não facilitando, assim, a compreensão dos alunos. Tal atitude não ajuda muito, pois os alunos costumam apenas ouvir, não participar e não fazer anotações no caderno. O mesmo acontece com a explicação da tarefa, que se dá rapidamente, e as chances de o aluno não entender o que se deve fazer são mais altas, podendo ocasionar a não realização dos exercícios. Para melhor aproveitamento, o professor deve se empenhar mais em explicar melhor e ajudar mais seus alunos, pensando mais em suas necessidades.

Por meio da análise dos dados empíricos obtidos, observa-se que as condições em que as aulas se realizam são, em geral, as mesmas tanto para professores quanto para alunos, no tocante ao material didático, metodologia, espaço físico. Todos os professores têm um mínimo de conhecimento em língua inglesa que é requerido pela escola. Todos os professores possuem terceiro grau completo ou estão cursando uma graduação.

No entanto, pôde-se notar que professores com menos tempo de experiência costumam errar mais, ser mais inseguros e impulsivos. Desta forma, precisam apostar em uma aula muito bem preparada e pensada. Professores mais experientes, com maior tempo de carreira, são mais profissionais, objetivos e sabem lidar melhor com as situações.

Professores que são formados na área de Letras e Pedagogia possuem reflexão mais elaborada sobre o processo de ensino-aprendizagem, entendem melhor a situação de seus alunos, se mostram mais estratégicos, pensam mais em suas atitudes em sala de aula.

De forma geral, os professores precisam comunicar mais e melhor suas expectativas a seus alunos como o que espera deles, o que é importante que eles reflitam. Quando o professor mantém seu canal de comunicação aberto e comunica suas expectativas a seus alunos, o ambiente

para o aprendizado se torna cada vez mais agradável e sua relação com seus alunos resulta mais produtiva, saudável e tranqüila.

CONCLUSÃO

Diante das leituras e análises realizadas, foi possível observar que as atitudes do professor podem influenciar seus alunos, tanto positiva quanto negativamente. Desta forma, o professor deve considerar a sala de aula como um lugar de relação e refletir sobre sua relação com seus alunos.

Traços de personalidade são relevantes para a composição de um bom professor, mas a probabilidade de mudá-los é muito pequena. Por outro lado, a conduta também é um fator extremamente importante para o desenvolvimento de um bom professor nessa composição, e ela sim tem maiores chances de ser mudada. Nesse sentido, é importante a reflexão para que o professor comece a assumir a responsabilidade de educador, a pensar na sua relação com seu aluno como motivá-lo e ajudá-lo a superar suas condições, como ensinar e explicar melhor.

O professor precisa observar suas ações, atitudes e condutas. Assim verá que todos os alunos possuem grande potencial a ser explorado e quando se sentirem bem, se dedicarão mais e estarão mais felizes. Os alunos também precisam ser observados e incentivados por meio de comentários motivadores de seus professores, para se valorizarem e se empenharem mais. Para tanto, o professor deve estar sempre atento e não agir por impulso, e, sim, por meio de estratégias.

Aliado a isto, ele deve manter seu canal de comunicação aberto, comunicar seus interesses, falar sobre suas intenções e expectativas, de modo a criar um ambiente tranquilo, seguro e agradável na sala de aula, para que os alunos se sintam livres para errar e aprender com seus próprios erros.

REFERÊNCIAS

- DIXIE, G. *A sala de aula eficiente*. São Paulo: SBS, 2006.
- FREITAG, B. *O indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- KULLOK, M. *Relação professor-aluno*. Maceió: Edufal, 2002.
- LAKATOS, E.; MARCONI, M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1986.
- MEIRIEU, P. *O cotidiano da escola e da sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MORALES, P. *A relação professor-aluno*. São Paulo: Loyola, 1999.
- POMPÉIA, R. *O ateneu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- SALOMON, D. *Como fazer uma monografia*. Belo Horizonte: [s.n.], 1971.
- TACHIZAWA, T.; MENDES, G. *Como fazer monografia na prática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.